

Hamlet

WILLIAM SHAKESPEARE

Hamlet

TEXTO ADAPTADO POR
JÚLIO EMÍLIO BRAZ



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto William Shakespeare	Produção editorial e projeto gráfico Ciranda Cultural
Adaptação Júlio Emílio Braz	Diagramação Fernando Laino Editora
Preparação Agnaldo Alves	Imagens GeekClick/Shutterstock.com; wtf_design/Shutterstock.com;
Revisão Jéthero Cardoso	RLRRLRLL/Shutterstock.com; Kovalov Anatolii/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S527h	Shakespeare, William
	Hamlet / William Shakespeare ; adaptado por Júlio Emílio Braz. - Jandira, SP : Principis, 2021. 112 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Shakespeare, o bardo de Avon)
	Adaptação de: Hamlet Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-206-8
	1. Literatura inglesa. 2. Teatro. I. Braz, Júlio Emílio. II. Título. III. Série.
2020-2641	CDD 823 CDU 821.111

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823
2. Literatura inglesa 821.111

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

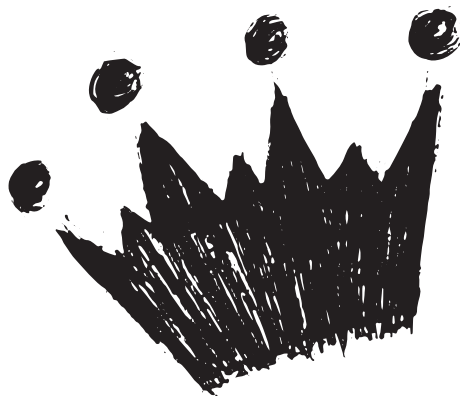
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO UM	9
CAPÍTULO DOIS.....	30
CAPÍTULO TRÊS.....	36
CAPÍTULO QUATRO	51
CAPÍTULO CINCO	60
CAPÍTULO SEIS	70
CAPÍTULO SETE.....	77
CAPÍTULO OITO	83
CAPÍTULO NOVE.....	89
CAPÍTULO DEZ.....	97

*Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que o sonhado
por sua vã filosofia.*

HAMLET – Ato I – Cena V



CAPÍTULO UM

HÁ ALGO PODRE NO REINO DA DINAMARCA

1

Na vastidão sombria e praticamente indevassável do forte nevoeiro, Elsinore erguia-se como ilha solitária e inóspita, os paredões maciços e limosos das muralhas resistindo aqui e ali, desaparecendo mais adiante no cinza gélido e desolador de tão intimidante paisagem. Assustava, como se, com o cair da noite, todo mundo diluísse na neblina, aprisionando cada morador daquele lugar mais facilmente em sua imaginação, na verdade, na parte mais amedrontadora de suas mentes, território fértil e em especial fecundo às ideias mais apavorantes, a aparições sobrenaturais e, de hábito, fantasmagóricas.

Natural, portanto, que assim que o vulto ainda indistinto de Bernardo se materializou no corredor escuro, os passos estalando na laje fria, Francisco tenha se voltado em um salto e, brandindo a alabarda na defensiva, perguntado:

WILLIAM SHAKESPEARE

– Quem está aí?

– Ora, vejam só! Quem poderia ser?

– Não, diga-me tu. Pare e mostre-se.

– Vida longa ao rei!

– És tu, Bernardo?

– Eu mesmo e, como podes ver, na minha hora. Anda, vá para a cama, Francisco.

– Que alívio! Está tão frio que até meu coração está doente...

Francisco entregou a alabarda para Bernardo e por um instante lançou um olhar apreensivo para o nevoeiro que aparentava estreitar-se ainda mais em torno do castelo.

– Algum problema? – perguntou Bernardo.

Francisco forçou um sorriso e, sacudindo a cabeça, respondeu:

– Não, nada.

– Tanto melhor. Caso encontres Horácio e Marcelo pelo caminho, diga-lhes que se apressem. Não gostaria de ficar por aqui sozinho por muito tempo.

– O que foi? Estás com medo?

Bernardo lançou-lhe um olhar contrariado e insistiu:

– Apenas peça que se apressem, está bem?

Francisco concordou com um aceno de cabeça e já se encaminhava para a longa escada que descia para o amplo e nevoento pátio interno quando viu Horácio e Marcelo galgando os degraus à sua frente.

– Boa noite, Francisco! – cumprimentou Horácio, um tipo macilento e de vasta cabeleira vermelha. – Quem substitui a ti?

– Bernardo ficou no meu lugar – respondeu Francisco, descendo rapidamente as escadas e desaparecendo depressa na primeira curva.

Os dois recém-chegados se entreolharam, e o grandalhão Marcelo perguntou:

– Por que toda essa pressa? Medo ou sono?

– Talvez as duas coisas – respondeu Horácio, indulgente, apesar da expressão zombeteira no rosto.

HAMLET

Achegaram-se a Bernardo.

– Então, meu amigo, a coisa apareceu de novo nesta noite? – indagou Marcelo.

– Não que eu tenha visto – respondeu Bernardo. – Mas isso não significa grande coisa. Acabei de chegar.

– Horácio não acredita...

– Bobagem! Bobagem das grandes!

– ... ele diz que é tudo fantasia da nossa parte.

– E não é?

– É? – insistiu Bernardo, por trás de uma ponta de receio.

– Não faço ideia. De qualquer forma, foi por isso que o trouxe comigo hoje. Assim, se a aparição surgir mais uma vez, teremos uma testemunha bem mais crível do que nós dois.

– Não vai aparecer, acreditem. Não passa de fantasia de gente assustada ou...

– Ora, sente-se aí e feche a boca, bom Horácio, e permita que enchamos teus ouvidos com a história sobre o que andamos vendo nas últimas duas noites... – pediu Bernardo.

– Pois bem – disse Horácio –, pode me contar a tua história, Bernardo. Fale-me de tua misteriosa aparição.

– Nem tão misteriosa assim... – sugeriu Marcelo.

Os dois se voltaram para Bernardo, que começou a contar que...

– Na noite passada, eu e Marcelo estávamos de guarda quando...

Marcelo interrompeu-o de súbito e, debruçando-se na amurada, os olhos voltados para o nevoeiro, falou baixo:

– Quietos!

Horácio e Bernardo juntaram-se a ele.

– O que houve?

– Olhem, lá vem ele novamente! – Marcelo apontava insistentemente para a frente, um vulto que se movia e se agigantava de modo intimidador, aproximando-se da muralha. – Digam se são meus olhos que me iludem. O que veem?

WILLIAM SHAKESPEARE

– Tem a mesma forma do rei morto – repetiu Bernardo, duas ou três vezes, os olhos estatelados, fixos na sombra medonha que ganhava formas mais bem definidas, a imagem de um guerreiro solidamente protegido por uma armadura, uma capa esfarrapada drapejando furiosamente em torno dele, impelida por vigorosa porém ilusória ventania.

– Fale com ele, Horácio – pediu Marcelo. – Diga-lhe que...

– Isso, Horácio – insistiu Bernardo. – Diga-me que estou equivocando e que não estou vendo o rei. Não se parece com o rei?

– Devo admitir... – Horácio se mostrou confuso e comprimiu os olhos como se procurasse enxergar melhor o vulto que crescia diante dos três e efetivamente assumia as formas de um guerreiro metido em uma imponente armadura.

– Ele quer que falemos com ele – observou Bernardo.

Marcelo cutucou Horácio com o cotovelo e pediu:

– Vamos, meu amigo. Pergunte-lhe alguma coisa!...

Adiantando-se aos companheiros, Horácio apoiou-se em uma das ameias e, lançando o corpo com temor para a frente, gritou:

– O que quer, criatura? Quem és tu e por que estás usando a armadura com que o antigo rei da Dinamarca marchava para o campo de batalha? Vamos, fala!

– Tu o ofendeste, Horácio... – observou Marcelo, enquanto o enorme vulto ia mais uma vez desaparecendo dentro do nevoeiro.

– Ele vai embora – acrescentou Bernardo, aflito.

– Fala! – gritou Horácio, contrariado. – Volta e fala!

Os gritos perderam-se na distância e na imensidão nevoenta. Resposta alguma. O vulto foi se desfazendo vagarosamente, até não haver o menor vestígio de sua aparição.

– Ele se foi... – balbuciou Marcelo, entre assustado e decepcionado.

Virando-se para Horácio e tão pálido e assustado quanto ele, Bernardo perguntou:

– O que achas, meu amigo? Não é algo realmente além de nossa imaginação?

HAMLET

– Não sei bem o que vi – admitiu Horácio –, mas está bem distante de ser apenas fruto de minha imaginação.

– Parecia com o nosso rei – insistiu Bernardo.

– A armadura que o fantasma estava usando era em tudo semelhante àquela que nosso rei usava quando combateu o rei da Noruega, e ousou dizer que vi no rosto do fantasma a mesma máscara de grande ódio e fúria em que se transformou o rosto de nosso rei enquanto massacrava os poloneses na última guerra que travamos contra eles. Não sei explicar...

– Preocupa-me muito mais o porquê dessa repentina aparição – afirmou Marcelo. – Teria algo a ver com esses preparativos febris que tomaram conta do reino e em tudo aparentam os preparativos para nova guerra?

– Não estás enganado, meu bom amigo – ajuntou Horácio. – Como bem sabes, nosso rei Hamlet foi desafiado ao combate pelo invejoso rei da Noruega, o famigerado Fortinbras. A vitória foi nossa, e, além de matar o atrevido, apropriou-se de todas as terras que até então pertenciam à Noruega. Pois bem, nos últimos anos o jovem príncipe Fortinbras andou realizando sérios preparativos para vingar o pai, o velho Fortinbras, e recuperar o território perdido, e se possível apossar-se de outros que nos pertencem. Tenho informações de que ele recrutou um formidável exército de bárbaros nos confins da Noruega e pretende marchar contra nós ainda neste ano. Não é outro, portanto, o motivo de nosso povo estar de forma tão atarefada envolvido em preparativos para o que já sabemos ser uma nova guerra contra os noruegueses.

– Não é outra a razão da repentina aparição dessa figura agourenta em Elsinore e de sua semelhança com o nosso antigo rei, que por sinal foi um dos responsáveis por essa guerra – observou Bernardo.

– A aparição de antigos reis ou de fantasmas de guerreiros já mortos ou de mortos simplesmente é comum a muitas sociedades deste mundo, e sabemos que ela surge sempre como parte de outros tantos maus augúrios, prenunciando guerras e tantos outros eventos cruéis...

Os três se calaram repentinamente ao ver o enorme vulto do fantasma mais uma vez materializar-se na distância e fender o nevoeiro com sua apavorante figura.

– Ele está voltando! – alertou Horácio, alarmado, a mão apertando o cabo da espada, gesto fútil e acima de tudo inútil para lançar-se a um combate improvável. – Venha, ilusão infernal! Diga alguma coisa! Se sabes algo sobre o futuro de teu país ou se tens como nos ajudar a diminuir tanta morte e tanto sofrimento, diga-nos!

Por um instante, tanto Horácio quanto seus companheiros acreditaram que seria possível ouvir qualquer palavra, um débil murmúrio, por menor que fosse. Os lábios do descomunal fantasma se abriram e pareceu que algo seria dito, vaticínio espúrio ou um simples gesto premonitório. Nada aconteceu, pois, naquele exato momento, ouviu-se a distância o canto de um galo que se repetiu mais algumas vezes, ao final do que o fantasma já havia se dissipado no nevoeiro.

– Ele ia dizer alguma coisa... – garantiu Bernardo, frustrado.

– O galo o afugentou – disse Horácio. – O galo ou a manhã que se aproxima, vai-se saber. Talvez devamos comunicar ao jovem Hamlet sobre o que vimos nesta noite.

– A troco de quê? – perguntou Marcelo.

– Não sei bem, mas suspeito que o fantasma falará com seu filho ou pelo menos a ele não negará qualquer informação, por menor que seja.

– Pois falemos com ele então! – pediu Marcelo.

2

O amplo salão do castelo de Elsinore poucas vezes se vira tão absolutamente cheio como naquele dia em que Cláudio, o novo rei da Dinamarca, e sua esposa Gertrude, que fora esposa do antigo rei, se apresentaram pela primeira vez à corte. Nobres de várias partes do

HAMLET

território dinamarquês afluíram para a celebração, a qual desde que fora anunciada se vira alvo dos mais variados comentários, boa parte deles extremamente maledicentes.

Nenhum deles escapara ao conhecimento do novo rei e, um pouco depois de se levantar do trono, Cláudio abordou o assunto.

– Ocioso lembrar que meu querido irmão é morte recente e, portanto, dolorosa em nossos corações. Ninguém nega isso e não serei eu a negá-lo. Fosse outro e me dedicaria por muito tempo, como o povo de nosso reino, a pranteá-lo, e calaria meu coração. Certamente evitaria muita incompreensão e igual quantidade de comentários maldosos. O veneno comum a almas mesquinhas não chegaria até mim e não semearia a desagregação entre nós. Infelizmente preferi me fazer surdo aos sábios conselhos que recebi, e, mesmo sem abdicar do pesar que sinto pela morte de meu irmão, considere que não deveria silenciar meus sentimentos com relação àquela que até há poucos meses fora apenas minha cunhada e hoje transformei em minha esposa e rainha. Dividir-me entre a dor do luto e a felicidade do casamento não se faz tarefa das mais fáceis e sem se pagar um alto preço. Estou consciente disso e de que sempre há um custo por cada um de nossos atos. Nem mesmo o rei escapa de tal verdade, e de antemão gostaria de agradecer a todos que estão aqui pela compreensão e apoio. Tanto a minha consciência quanto a de vossa rainha está tranquila, até porque desafios maiores nos esperam e merecem a nossa atenção.

Cláudio sentou-se e indicou o segundo trono a seu lado para que Gertrude o acompanhasse em gesto grave e untuoso.

– Como todos estão informados, o jovem príncipe Fortinbras da Noruega há tempos vem nos importunando atrevidamente com mensagens, exigindo a devolução das terras perdidas pelo pai para o nosso falecido rei. Suponho que tal gesto, além de motivado pela intempestiva natureza comum à sua pouca idade, prenda-se a crenças equívocas, tais como a de que a morte de nosso saudoso rei Hamlet tenha nos deixado enfraquecidos ou transtornados, o que desencadearia algum processo